

Caro Schemberg:

Olinda, 11-11-1974.

Eis aqui o poema que faltava no livro que lhe mostrei quando estive em sua casa:

E um dia
não mais contemplarei desta janela
qualquer paisagem.
Deitado, no horizonte,
dentro da terra,
tudo para mim será o mesmo.

6-10-1974.

Como você vê o poema tem em si algo de despedida, uma constatação melancólica da impermanência das coisas. O sentimento de transitoriedade sempre o trouxe comigo, talvez seja isto que me leva à procura de alguma coisa que seja permanente. Mas o que será permanente? Possivelmente nada o é e talvez a impermanência das coisas constitua, em si mesmo, uma forma de permanência. Isto é, na globalidade das coisas que se sucedem, neste processo vital de transformação contínua que nós chamamos vida, parece existir uma continuidade que assegura uma permanência camuflada em seus revestimentos tão diversificados. Isto eu posso dizer racionalmente. Emocionalmente é outra coisa: quando eu agarro algum momento fugaz de verdade, como no poema acima, então eu sinto uma enorme tristeza, pois, subjetivamente, o nosso desejo egoísta de imortalidade, não passa de uma questão endocrinológica. Se isto lhe parece maluco então dê uma risada e ouça um disco, de preferência Mozart.

Vou lhe enviar brevemente o outro poema "Os pássaros" que ilustrará a série gráfica de trabalhos retirados de um cartaz (out-dour, é assim que se escreve?) e - que comporão o trabalho final cujo título geral é "Hino à Liberdade".

Com um abraço de

Montez Magno

P.S.- Usei acima a expressão agarro, que não exprime, de modo nenhum, o que eu quero dizer. Na verdade eu não agarro nada. Agarrar é um verbo grosseiro, melhor dizer intúo. Quando eu intúo alguma coisa. As coisas estão aí, no ar, na vida, no universo. São elas que vêm a nós, quando estamos de antenas ligadas. Quando não aí somos cegos e surdos ou pior, ficamos burros quando não compreendemos isto.

Da imortalidade. Reli a carta e me lembrei que algumas pessoas consideram o desejo de imortalidade inerente ao homem como uma forma de voltar à sua origem. Para uns esta origem é planetária, cósmica. Ou seja, o homem não surgiu daqui e aqui na Terra e sim veio de outro sistema, de outro planeta. Daí ele guardar ainda uma espécie de saudade de seu lugar de origem. Para outros a origem é de caráter divino: o homem deseja o seu retorno a Deus, que é eterno e imortal e assim sendo ele nada mais faz do que querer ser eterno e imortal também. Mas, penso eu, contendo a vida mais tempo de dor do que de prazer, sendo a vida mais momentos de sofrimento do que de paz e gozo, por que, mesmo assim, nós, humanos, em geral, nos apegamos tanto à vida? De tal maneira que muita gente fala, referindo-se ao que vem depois da morte, em uma outra vida. De qualquer forma é sempre uma vida, ninguém quer deixar de viver mesmo que se transforme em micróbio, vírus ou bactéria.

Da reencarnação. Dizem que um homem, vendo uma barata, correu para mata-la. Um yogue, que estava perto, vendo-o, exclamou: "Não mate esta barata, ela pode ser a sua avó!!!".

Para mim é muito difícil aceitar ou compreender a idéia da reencarnação. Quando penso que no ano passado, entre o Paquistão e a Índia, morreram cerca de vinte (20) milhões de pessoas de fome (de fome!) não posso aceitar que isto se deva ao karma delas. Isto se deve a que o governo indiano em vez de incentivar o desenvolvimento da agricultura deu prioridade ao aceleramento do seu parque industrial. Em vez de usinas atômicas e coisas parecidas deviam ter dado ênfase à irrigação e melhoria do solo, às plantações de cereais, legumes, verduras, frutas, etc. etc. Acho o seguinte: se temos uma vida aqui, vamos então primeiro cuidar desta. Se houver outra de outra forma, em outro nível, então cuidaremos dela depois. Cada coisa em seu tempo. Mas, de qualquer modo, como se trata de questão interessante e cujo fascínio é evidente, resta a preocupação e o cuidado em não matarmos ou maltratarmos animais, especialmente os insetos, por receio e respeito aos nossos parentes.